A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DA POBREZA:

articulações políticas e efeitos multidimensionais

Gustavo Oliveira

comanchi@hotmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Brasil

RESUMO

Este trabalho trata do problema da pobreza e de alternativas para seu enfrentamento e superação. A pobreza não é uma questão particular, de vontade ou caráter dos sujeitos individuais, mas resultado da distribuição desigual do expansionismo do capitalismo que se funda na consolidação dos conceitos de homo economicus e de economia de mercado. Esta visão hegemônica perdura até a atualidade, mas formas alternativas de analisar a racionalidade humana em sua dimensão econômica existem. A economia solidária é um fenômeno que expressa esta razão contra-hegemônica neste contexto. O objetivo deste estudo é analisar a economia solidária como possibilidade de superação da pobreza de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, considerando os efeitos multidimensionais atividade econômica e as estratégias governamentais acionadas pela política de assistência social. A economia solidária passou a fazer parte das estratégias institucionais brasileiras de enfrentamento à pobreza em 2011, com a implementação do Plano Brasil sem Miséria (BSM) pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Se trata de um estudo de caso com abordagem qualitativa, desde uma perspectiva nacional até chegar ao nível municipal/local – no município de Canoas. Foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental, em sua fase exploratória, utilizadas as estratégias de observação e entrevistas semi estruturadas para coleta de dados, na fase da pesquisa de campo, e análise de conteúdo, na fase de análise e interpretação dos dados. Foram entrevistadas um total de treze mulheres ligadas ao Programa Bolsa Família (PBF), à entidades do Terceiro Setor conveniadas à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) ou ao movimento de economia solidária de Canoas. Os resultados apontam que a gestão pública local enfrenta sérias dificuldades para se articular entre secretarias e diretorias, fato que contribui para que a economia solidária encontre grandes barreiras para se consolidar como uma alternativa estratégica para o enfrentamento da pobreza. Desta forma, a economia solidária aparece com uma função complementar no desafio da superação da pobreza multidimensional na trajetória de vida das mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

ABSTRACT

This paper deals with the problem of poverty and alternatives for its confrontation and overcoming. Poverty is not a particular question of the will or character of individual subjects, but is a result of the unequal distribution of capitalism's expansionism, which is based on the consolidation of the concepts of homo economicus and market economy. This hegemonic view remains to this day, but alternative ways of analyzing human rationality in its economic dimension exist. Solidarity economy is a phenomenon that expresses this counter-hegemonic reason in this context. The objective of this study

is to analyze the solidarity economy as a possibility of overcoming the poverty of women beneficiaries of the Bolsa Família Program, considering the multidimensional effects of economic activity and the governmental strategies triggered by the social assistance policy. The solidarity economy became part of the Brazilian institutional strategies for coping with poverty in 2011, with the implementation of the Brazil without Misery Plan (BSM) by the Ministry of Social Development and Fight against Hunger (MDS). This is a case study with a qualitative approach, from a national perspective until reaching the municipal / local level - in the municipality of Canoas. Bibliographical and documentary research was carried out in the exploratory phase, using the strategies of observation and semi structured interviews for data collection, in the field research phase, and content analysis, in the data analysis and interpretation phase. A total of thirteen women affiliated to the Bolsa Família Program (PBF) were interviewed, to entities of the Third Sector agreed to the Municipal Department of Social Development (SMDS) or to the Solidarity Economy movement of Canoas. The results point out that local public management faces serious difficulties in articulating between secretariats and boards, which contributes to the solidary economy finding great barriers to consolidate itself as a strategic alternative for tackling poverty. In this way, the solidarity economy appears with a complementary function in the challenge of overcoming multidimensional poverty in the life trajectory of the women interviewed in this research.

Palabras clave

Pobreza; Economia solidária; Inclusão produtiva.

Keywords

Poverty; Solidarity Economy; Productive inclusion.

I. Introducción

A pobreza não é uma questão particular, de vontade ou caráter dos sujeitos individuais, mas resultado da distribuição desigual do expansionismo do capitalismo que se funda na consolidação dos conceitos de *homo economicus* e de economia de mercado. O capitalismo marca na história um período singular que vem se prolongando até os dias de hoje, tendo tido sua ascensão na Europa ocidental sob a roupagem de capitalismo mercantil, passando pelo período que ficou conhecido como capitalismo industrial e chegando até o seu período atual, pós-industrial.

Parece impossível dissociar as transformações econômicas e sociais resultantes do capitalismo da produção das desigualdades, dos números costumeiramente alarmantes acerca da pobreza, da precarização das condições de trabalho e de vida e da destruição ambiental. Enquanto de um lado, essas transformações pareciam carregar valores progressistas, do outro, a riqueza do mundo ia acumulando-se nas mãos de uma parcela cada vez menor da população, os trabalhadores iam apenas sobrevivendo "nas mãos" dos capitalistas detentores das grandes fábricas e dos meios de produção e a natureza começava a pedir socorro.

Desta forma, pode-se dizer que a desigualdade e a pobreza são realidades globais antigas, consequências de transformações sociais históricas, das quais a passagem do capitalismo mercantil para o industrial aparece como uma delas, que contribuiu para que aumentasse consideravelmente o número de populações em condições de pobreza e os índices de desigualdade entre as classes sociais. Mais de dois séculos depois, ao passar da segunda década do século XXI, não se vê no mundo uma reorganização social que possa inverter essa lógica, na qual uma pequena parcela de pessoas no mundo acumula cada vez mais riqueza, enquanto a grande maioria se digladia pelo que sobra; ao mesmo tempo em que o meio ambiente dá claros sinais de esgotamento.

Esta realidade marcada por um modo de vida hegemônico perdura até a atualidade, mas formas alternativas de analisar a racionalidade humana em sua dimensão econômica – racionalidade que é um dos pilares que sustentam o capitalismo – existem. A economia solidária é um fenômeno que expressa esta razão contra-hegemônica neste contexto, é um conceito amplamente utilizado e

disseminado em vários continentes para designar atividades econômicas organizadas segundo princípios de solidariedade, cooperação, sustentabilidade e autogestão.

A realidade mostra, a partir de dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), obtidos através do II Mapeamento da Economia Solidária no Brasil, que as populações pobres do país já experimentam as práticas desta outra forma de se relacionar com a economia, já que 51% dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) contam com uma ou mais sócias que são beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF) e que 23% do total de sócios de EES são atingidos direta ou indiretamente pelo PBF no Brasil. Parecendo estar atento a essa realidade, em 2011 o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), com a implementação do Plano Brasil sem Miséria (BSM), incorpora a economia solidária nas estratégias institucionais brasileiras de enfrentamento à pobreza, alocando-a como uma das ações de inclusão produtiva – um dos três eixos do plano.

Em meio a todo esse contexto, esta pesquisa tem o objetivo de *analisar a economia solidária como possibilidade de superação da pobreza de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, considerando os efeitos multidimensionais da atividade econômica e as estratégias governamentais acionadas pela política de assistência social*; e a questão que orientou os esforços para alcançá-lo é: *qual a função das ações de inclusão produtiva através da economia solidária na trajetória de vida de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família para a superação da pobreza em perspectiva multidimensional e quais as convergências destas ações com as experiências e a política de economia solidária?*

O conceito de pobreza utilizado neste trabalho é o conceito de pobreza multidimensional, no qual quatro dimensões podem ser listadas: a dimensão econômica – refere-se à ausência de condições de acesso ao trabalho e à geração de renda; a dimensão social – que está ligada à dificuldade de se garantir direitos e de se acessar serviços públicos; a dimensão política – referindo-se a não participação dos indivíduos em processos democráticos, à baixa estima relacionada ao exercício do poder dentro das diversas coletividades e à falta de empoderamento frente à tutela do Estado; e a dimensão cultural – que se refere ao abandono das origens históricas e culturais, à perda de identidade – individual e/ou coletiva –, e a desvalorização ou falta de acesso à rotina artística/cultural.

Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado do autor, pesquisa que, antes deste texto, resultou em sua dissertação de mestrado. O texto segue com a apresentação do marco teórico acionado, da metodología utilizada na pesquisa, da discussão acerca dos dados obtidos e, por fim, das conclusões alcançadas.

II. Marco teórico/marco conceptual

Parece impossível dissociar as transformações econômicas e sociais resultantes do capitalismo da produção das desigualdades, dos números costumeiramente alarmantes acerca da pobreza, da precarização das condições de trabalho e de vida e da destruição ambiental. Considera-se aqui o capitalismo como um sistema em crise no sentido de seu esgotamento, ou seja, um sistema que não poderá se sustentar pelos problemas supracitados que causa. Desta forma, não se pretende utilizar o termo "crise" para fazer referência às crises econômicas e sociais geradas no interior do capitalismo; suas crises são cíclicas e necessárias para sua manutenção.

O Brasil é, historicamente, um país desigual. Basta ater-se às diferentes etapas de sua evolução econômica e social para aferir essa conclusão: 1) período de colonização; 2) trabalho escravo; 3) adesão ao capitalismo e ao neoliberalismo (QUIJANO, 2005). São períodos históricos que remetem a desigualdades tanto materiais como imateriais, a rigor, marcadas por dicotomias: empregados e empregadores, pobreza e riqueza, brancos e negros, homens e mulheres, etc. As desigualdades estão dadas tanto interiormente nos países mundo afora, como na comparação entre países. Com a pobreza não é diferente, ela pode ser medida entre uma mesma população ou entre as populações de diferentes nações.

A pobreza é resultado da herança histórica da relação desigual do modo de produção capitalista, somada à fragilização e fragmentação das políticas públicas e da hegemonia do capitalismo e mercados financeiros. Há consenso na atualidade de que a pobreza não se restringe à sua dimensão econômica (material); ela é também social, cultural e política (imaterial), caracterizada pela baixa escolaridade, falta ou precário acesso a serviços e direitos, exclusão social, baixa autoestima e condições desumanas de vida, que conduzem ao alijamento do exercício de direitos fundamentais (FERRARINI, 2013).

Assim como não se considera aqui a desigualdade apenas pelo seu viés economicista, com a pobreza não é diferente. Entende-se que a pobreza está para além da perspectiva unicamente econômica. Mais três dimensões são consideradas na compreensão que importa para este trabalho, a saber: a dimensão social, a cultural e a política.

A economia solidária é um conceito amplamente utilizado e disseminado em vários continentes para designar atividades econômicas organizadas segundo princípios de solidariedade, cooperação, sustentabilidade e autogestão em contraste ao individualismo utilitarista que é característica do comportamento econômico de mercado. Suas práticas consistem em empreendimentos associativos ou cooperativos, cadeias produtivas, comércio justo, comercialização e consumo coletivos, crédito solidário, apoio comunitário mútuo e clubes de trocas com moeda local, dentre outras (LAVILLE; GAIGER, 2009).

Entre os valores fundamentais das experiências de economia solidária, a partir de práticas baseadas em autogestão, estão: democracia; participação; igualitarismo; cooperação; viabilidade; responsabilidade social; e desenvolvimento humano (GAIGER, 2003). Ao que, Asseburg e Ogando (2006), ainda adicionam a solidariedade. Sobre a dimensão trabalho, ao se listar tais características, é possível se imaginar que ele é para os indivíduos que ali estão, um trabalho mais digno e gratificante do que o trabalho naturalizado pelo sistema capitalista, fazendo com que os sujeitos envolvidos neste movimento transcendam a lógica de mercado, calcada no individualismo e na competição, com vistas a um projeto de autonomia econômica e social.

III. Metodología

Na prática, utilizou-se o passo a passo sugerido por Triviños (1987), que tem como principal referência teórico-metodológica as contribuições de Laurence Bardin. Na fase de *pré-análise*, inicialmente, definiu-se que seriam aplicadas entrevistas semiestruturadas com as mulheres selecionadas e realizada observação participante nas reuniões do Fórum Canoense de Economia Popular Solidária. Quando concluído o processo de criação dos roteiros das entrevistas, percebeu-se que se tratava de uma mescla entre entrevista semiestruturada e questionário. Na etapa da *descrição analítica* foram estudados em profundidade as comunicações obtidas nas entrevistas e as anotações realizadas nas observações. Posteriormente, foram classificadas e categorizadas as informações com base no objetivo e na questão central da pesquisa. Por fim, na etapa de *interpretação referencial*, para interpretação dos dados e reflexões a partir deles, foram realizadas aproximações dos conteúdos obtidos nas comunicações e nas observações, com o referencial teórico utilizado na fundamentação conceitual da pesquisa.

Quadro 1 - Sistematização do universo pesquisado

Entrevistada:	**Idade:**	**Organização/Atividade:**	**Bairro:**
Grupo 1 - Mulheres do PBF e sócias de EES, simultaneamente			
ES 1	43	EES 1 / Alimentação	Mathias Velho
ES 2	41	EES 2 / Alimentação	Guajuviras
ES 3	35	EES 3 / Artesanato	Guajuviras
ES 4	31	EES 3 / Artesanato	Guajuviras
ES 5	65	EES 4 / Artesanato	Mathias Velho
Grupo 2 - Mulheres do PBF não sócias de empreendimentos económicos solidários			
BF 1	46	Entidade 2 / Terceiro Setor	Guajuviras

BF 2	58	Entidade 1 / Terceiro Setor	Mathias Velho
BF 3	40	Entidade 1 / Terceiro Setor	Mathias Velho
BF 4	60	Entidade 2 / Terceiro Setor	Guajuviras
Grupo 3 - Assistentes Sociais			
AS 1		Entidade 1 / Terceiro Setor	Mathias Velho
AS 2		Entidade 2 / Terceiro Setor	Guajuviras
Grupo 4 - Lideranças do Movimento de Economia Solidária de Canoas			
LES 1		EES 1 / Alimentação	Mathias Velho
LES 2		EES 2 / Alimentação	Guajuviras

Fonte: Elaborado pelo autor.

A estratégia utilizada para coleta de dados tornou o universo empírico pesquisado bastante diversificado e, como se pode ver no Quadro 1, chegou-se a um total de 13 mulheres entrevistadas, que foram divididas em quatro grupos. Para manter preservadas as identidades das mulheres entrevistadas, das organizações, dos EES e das entidades do Terceiro Setor envolvidas na pesquisa, utilizou-se uma codificação elaborada pelo pesquisador (Quadro 1).

Grupo 1: este grupo foi composto por cinco mulheres beneficiárias do PBF e sócias de algum EES, simultaneamente, dos bairros Mathias Velho e Guajuviras, vindas de quatro diferentes EES, dois de cada bairro. A estratégia de chegada até elas já foi apresentada.

Grupo 2: o segundo grupo reuniu mulheres beneficiárias do PBF que não integravam EES. Da mesma forma que no Grupo 1, eram todas moradoras dos bairros Mathias Velho e Guajuviras. Optou-se por não simplesmente buscar beneficiárias do PBF aleatoriamente, tratava-se de mulheres que participavam de projetos de geração de trabalho e renda em entidades do Terceiro Setor conveniadas à SMDS. Nestas entidades a escolha se deu de acordo com o desejo das mulheres em contribuir com

a pesquisa; neste caso, de forma aleatória. Quatro foram as mulheres entrevistadas neste grupo, duas da Entidade 1, no Mathias Velho, e duas da Entidade 2, no Guajuviras.

A Entidade 1 é uma associação com mais de 30 anos de fundação, que hoje conta com uma horta urbana, criada a partir de uma ocupação de moradores no bairro Mathias Velho. Trata-se de um espaço heterogêneo, por onde transitam moradores da comunidade local, profissionais técnicos da área da agronomia, representantes da prefeitura municipal, profissionais da área da assistência social, educadores voluntários, entre outros. O pesquisador já conhecia a Entidade 1 porque ela fez parte dos EES que foram pesquisados no Projeto ICSEM e porque, coincidentemente, conheceu sua principal liderança na primeira ida às reuniões do Fórum.

Além de ser uma entidade que presta serviços à prefeitura de Canoas através de convênios com a SMDS, ela faz parte do movimento de economia solidária no município, participando mensalmente das reuniões do Fórum Canoense de Economia Popular Solidária e de todas as feiras promovidas por ele, em parceria com a Diretoria de Economia Solidária. Além disso, esta entidade também aparece no II Mapeamento da Economia Solidária no Brasil. Contudo, não se trata de um EES típico, que tem na produção e comercialização de produtos sua atividade principal, caracterizando-se mais como uma organização do Terceiro Setor, que presta serviços à comunidade local.

A Entidade 2 é uma entidade ligada a Igreja Católica, formalizada como associação no ano de 2001 e que atende aos cidadãos em situação de vulnerabilidade social, no bairro Guajuviras, a partir de convênios, prioritariamente, com a SMDS. Até a Entidade 2 se chegou através da professora orientadora desta pesquisa que já a conhecia de outras experiências profissionais e acadêmicas e sabia que poderia ser uma entidade que agregaria à pesquisa. Esta entidade é reconhecidamente uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos tradicional da cidade, tendo cumprido o papel que hoje cumprem os CRAS, antes deles serem operacionalizados integralmente pela estrutura estatal, ou seja, há um longo histórico de parceria da entidade com o poder público.

Grupo 3: o terceiro grupo foi composto por duas mulheres, assistentes sociais, contratadas pelas entidades apresentadas acima, uma é contratada da Entidade 1 e a outra da Entidade 2. A ideia

aqui era entender melhor a relação das atividades desenvolvidas em cada uma das entidades do Terceiro Setor com as políticas de assistência social e de economia solidária.

Grupo 4: já o quarto e último grupo foi composto por duas mulheres que são lideranças tanto em seus EES como dentro do Fórum. Elas não são beneficiárias do PBF. Uma é sócia no EES 1 e a outra no EES 2. Ambas acumulam uma extensa trajetória dentro do movimento de economia solidária no município e também em níveis regionais e estaduais.

IV. Análisis y discusión de datos

O objetivo que norteou as ações desta pesquisa foi o de analisar a economia solidária como possibilidade de superação da pobreza de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, no município de Canoas – RS, considerando os efeitos multidimensionais da atividade econômica e as estratégias governamentais acionadas pela política de assistência social. Para se alcançar tal objetivo, perguntou-se: quais as convergências das ações de inclusão produtiva com as experiências e a política de economia solidária e qual a função das ações de inclusão produtiva através da economia solidária na trajetória de vida de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família para a superação da pobreza em perspectiva multidimensional?

A etapa exploratória da pesquisa, que contou com pesquisas bibliográfica e documental, foi determinante para que pudessem ser definidas e compreendidas as categorias necessárias para se ter solidez no posterior tratamento e interpretação dos dados coletados na fase de campo. Remontar o histórico do desenvolvimento do capitalismo também foi uma necessidade, porque para compreender as consequências desse sistema econômico e social, é preciso, antes, compreender como ele se constituiu, quais são as visões filosóficas relacionadas a racionalidade humana e de concepção de mundo que o sustentam.

Pôde-se identificar que o capitalismo é um sistema que produz, historicamente, desigualdades, pobreza e destruição ambiental. Com o passar dos anos e o desenvolvimento deste sistema, desde sua fase mercantil até a atual pós-industrial, muitas transformações aconteceram no mundo, nas quais, mesmo causando consequências destrutivas à humanidade e à natureza, ía se consolidando, no campo da economia formal e para o senso comum, a visão de que essas consequências estavam imbricadas com uma naturalidade humana: o agir orientado pelo conceito de *homo economicus*. Aliado a isso estava o avanço dos mercados, potencializado pela globalização que fortalecia a perspectiva de uma única racionalidade possível em relação às trocas econômicas e essa racionalidade era a da economia de mercado.

Contudo, como se pôde constatar, outras formas de se relacionar na economia existem, mas elas são invisibilizadas pela hegemonia do conceito de *homo economicus* e pelas práticas da economia

de mercado. É neste contexto que aparece a economia solidária como um fenômeno que expressa essa outra forma de economia possível. Enquanto o *homo economicus* é um ser totalmente racional, que maximiza sempre o interesse individual através do cálculo menor esforço *versus* maior benefício e enquanto na economia de mercado não há confiança e não se percebem vínculos sociais fortes, na economia solidária o interesse privilegiado é o coletivo e qualquer troca econômica é, antes de mais nada, uma troca que considera os vínculos sociais e o respeito à natureza. Enquanto na visão hegemônica a dimensão econômica da vida humana está totalmente fragmentada das relações sociais e da relação com a natureza, na economia solidária se percebe uma espécie de religamento, de reconexão da vida humana nestas três dimensões.

Optou-se por utilizar o conceito de pobreza multidimensional por, justamente, se entender que se há outras dimensões que se imbricam na econômica no que tange a vida humana em sua integralidade, a pobreza também não pode ser compreendida e medida apenas pela sua dimensão econômica. Aceita-se que há consenso do determinismo do agir econômico de mercado sobre os demais, assim como há um determinismo da dimensão econômica da pobreza sobre as demais. Contudo, não se trata, na verdade, de um consenso construído, mas sim, um consenso instituído. Primeiro, porque os teóricos da economia formal, sustentados pelos conceitos do *homo economicus* e da economia de mercado, sequer reconhecem as outras formas de agir econômico e a obra de Karl Polanyi.

Por segundo, assim como a economia está para além da visão determinista e reducionista de ser economia somente o que se vê e faz no mercado, a pobreza está para além da perspectiva econômica, expressando-se também na dimensões política, cultural e social. A compreensão reducionista da pobreza como um problema unicamente econômico, um determinismo economicista, só faz ampliar cada vez mais as dificuldades e as barreiras impostas às famílias pobres. Por mais lento e gradual que sejam os avanços nos campos político, social e cultural – no campo econômico também se tratam de avanços lentos – no horizonte da superação da pobreza, eles precisam ser encarados de frente, já que o imbricamento de uma dimensão nas outras maximiza o problema. Negar a existência de tal multidimensionalidade, então, exclui qualquer expectativa de solução.

O que essas visões sobre a vida humana e seus desdobramentos não reconhecem, também, é que as outras formas de agir na economia têm efeitos muito próximos aos do comportamento econômico do mercado quando a questão posta é o enfrentamento da pobreza multidimensional. É claro que, para enfrentar a pobreza em perspectiva única, a econômica, os resultados do agir econômico de mercado – causados pela maximização do interesse individual tendo como meio a acumulação de capital – dariam conta de contribuir positivamente, mas é quando se aceita que a pobreza não é somente econômica que a economia de mercado encontra seu limite, já que ela não contribui para qualquer avanço que esteja para além do aspecto financeiro.

Neste longo contexto, o Estado brasileiro passa, a partir de 2011 com o BSM, a considerar a economia solidária nas suas estratégias de enfrentamento à pobreza. O BSM foi divido em três eixos, nos quais um se preocupa com a garantia de renda básica, outro com o acesso à serviços e o outro com a inclusão produtiva. Dentro do eixo da inclusão produtiva, entre outras ações, aparece a economia solidária como uma possibilidade de inclusão das populações pobres e sem emprego no mundo do trabalho. O BSM é um plano do MDS e no nível municipal, em Canoas, é operacionalizado pela SMDS. No que se refere as ações de inclusão produtiva dentro do BSM, o acesso aos usuários da assistência social se dá através do ACESSUAS e dos diferentes projetos realizados pela SMDS. Para se chegar aos resultados já apresentados, o autor precisou se deslocar do nível bibliográfico/documental para adentrar no universo empírico da pesquisa.

V. Conclusiones

Considerando todos os dados obtidos com as observações e entrevistas realizadas com os quatro grupos de mulheres, a posterior sistematização dos dados coletados e a apresentação e interpretação deles possibilitam algumas conclusões acerca do objetivo e da questão de pesquisa, quais sejam:

- A gestão pública enfrenta sérias dificuldades para se articular entre secretarias e, consequentemente, entre as políticas de assistência social e as políticas e experiências de economia solidária. Ficou claro na fala das assistentes sociais, na condição de "braço" do Estado, que, mesmo estando na política nacional de assistência social desde 2011, a interação entre a proteção básica e a economia solidária simplesmente não acontece. Faltam tanto diálogos entre as gestões da SMDS e da SMDE, como formações para os profissionais das entidades do Terceiro Setor sobre os objetivos e diretrizes da inclusão produtiva. Sem um grande salto no sentido de uma transformação das ações de inclusão produtiva em ações intersetoriais de fato, que agreguem desde as diferentes secretarias municipais envolvidas com a promoção das pessoas em situação de vulnerabilidade social, que passe pelas organizações da sociedade civil que prestam serviços socioeconômicos para a prefeitura, chegando até os usuários das políticas de assistência social, dificilmente haverão avanços nessa demanda;
- No contexto da conclusão anterior, a economia solidária encontra grandes barreiras para se consolidar como uma alternativa para o enfretamento da pobreza. As mulheres entrevistadas que participam dos projetos de geração de trabalho e renda, por exemplo, desconhecem a economia solidária, não recebem qualquer tipo de orientação sobre esta possibilidade de inserção no trabalho. Falta um elo que conecte conceitos, práticas e políticas. Não há nenhuma ação da SMDS – o ACESSUAS, por exemplo, não apresenta nenhum dispositivo que encaminhe as beneficiárias do PBF à economia solidária – nem da SMDE que ligue essas duas realidades;
- O conceito de economia solidária é experienciado na prática pelas mulheres que participam desses projetos, mas não é absorvido. Não é culpa delas essa não absorção, mas do

conjunto de causas como se está apresentando. Para o caso da Entidade 1, por exemplo, existe todo um leque de práticas que acontecem sustentadas pela racionalidade econômica plural. Entretanto, não há sensibilização e incentivo para que as mulheres ascendam da condição de usuárias do projeto de geração de trabalho e renda para a realidade de sócia de um EES. Isso se comprova tanto pela fala da AS 2 sobre essa questão, como pela fala das lideranças da economia solidária, quanto pela literatura de inclusão produtiva acessada: falta uma rede que ligue os pontos, que seja dialógica e intersetorial;

- A economia solidária se expressa, na prática, de forma muito aproximada com o que se encontra na literatura sobre o tema. Ficou perceptível nas falas das mulheres que suas trajetórias na economia solidária são marcadas por solidariedade, companheirismo, coletividade e cooperação. Entretanto, se perceberam importantes variações de concepções sobre os significados da economia solidária e sobre a possibilidade de ela contribuir para a superação da pobreza. Essa variação ficou marcada pelas diferentes formas de ver a economia solidária encontradas nas falas das lideranças do movimento, de um lado, e das trabalhadoras, do outro;
- A economia solidária aparece com uma função complementar no desafio da superação da pobreza multidimensional na trajetória de vida das mulheres entrevistadas. São poucos os avanços percebidos para as quatro dimensões da pobreza investigadas. Assim como na conclusão anterior, aqui também foram encontradas diferenças nas respostas das mulheres. Contudo, não se percebeu na fala de nenhuma delas melhoras significativas quando a questão girava em torno das diferenças percebidas nas dimensões econômica, social, política e cultural para o antes e o depois de suas entradas na economia solidária. Destaca-se que, se houvesse interação e avanços intersetoriais entre as políticas de assistência social e as experiências de economia solidária, no nível local, a tendência de os efeitos serem maximizados seria patente, porque poderiam ser implementadas ações desde a criação de incubadoras públicas que fizessem a ligação entre o público da assistência social e a realidade dos EES, além do próprio fortalecimento destes;
- Das quatro dimensões, apesar de, em geral, os rendimentos mensais alcançados pelas mulheres estarem muito abaixo do considerado ideal no Brasil, a que merece maior atenção é

a econômica. Contudo, antes de aprofundar-se nesta dimensão, importa dizer que foi comum as mulheres sinalizarem avanços ligados a socialização, auto-estima, melhoras na saúde, entre outros aspectos, depois de ingressarem na economia solidária. Já para o caso da dimensão econômica, em específico, mesmo as mulheres não considerando que a economia solidária proporciona autonomia financeira, a ampla maioria conseguiu apontar melhoras após a entrada no movimento. Atribui-se esse destaque à dimensão econômica, além da perspectiva prática – as mulheres realmente perceberam suas rendas aumentarem – ao determinismo do agir econômico de mercado e a racionalidade do *homo economicus* como conceitos naturalizados e hegemônicos. Como a economia solidária opera de forma paralela ao capitalismo, reintegrar as dimensões da vida humana, ampliando as formas de se ver a economia e a pobreza é um grande desafio, mesmo para quem vive esta realidade contra-hegemônica cotidianamente.

Por fim, considera-se importante se posicionar sobre dois debates discutidos ao longo deste trabalho. Primeiro, considera-se que a inclusão produtiva deva ser encarada pela assistência social como mais um direito que possam lançar mão as populações pobres. Não se trata de empurrar os usuários para fora da assistência social, de orientá-los a deixar de utilizar um direito conquistado, mas de compreender a complexidade e interdisciplinaridade do problema da pobreza. Enxergar a inclusão produtiva como um meio para uma vida digna e decente como fim, não parece uma tentativa de retirada de direitos. É claro, problemas complexos merecem soluções igualmente complexas e uma série de ações e de mudanças de pensar e agir aparecem no pano de fundo desse argumento.

Por segundo, entende-se que a economia solidária precisa ser, em curto prazo, encarada com seriedade como uma estratégia para superação da pobreza. Não se pode abrir mão do idealismo que esse movimento carrega como um projeto de uma outra sociedade possível. Contudo, como mostra sua história, as raízes da economia solidária encontram-se nos primeiros movimentos dos trabalhadores excluídos e explorados e, ao longo dos anos, ela sempre se reafirmou nesta condição. É preciso um equilíbrio entre o real e o ideal na atualidade, desta forma, entende-se que a economia solidária encontra uma dupla função social: uma estratégia de superação da pobreza, como meio; e um projeto de superação do capitalismo que busca uma sociedade mais justa e igual, como fim.

VI. Bibliografía

ASSEBURG, Hans Benno; OGANDO, C. B. (2006). **A Economia Solidária no Rio Grande do Sul:** resultados do primeiro mapeamento nacional. A perspectiva dos direitos humanos. San José, UNESCO, 82p.

FERRARINI, Adriane V. (2013). **O *ethos* da inovação social no ambiente das lutas populares e da economia solidária.** Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: < http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-2531-1.pdf>. Acesso em 18 jan. 2016.

GAIGER, Luiz Inácio (2003). **Empreendimentos Econômicos Solidários.** In: CATTANI, A. D. (org.). A Outra Economia. Porto Alegre, Veraz editores, p.135-143.

LAVILLE, J.-L; GAIGER, Luiz Inácio (2009). **Economia Solidária.** In: CATTANI, A. D. (org.). Dicionário Internacional da Outra Economia. São Paulo: Almedina, p. 162-168.

POLANYI, Karl (2000 [1944]). **A grande transformação.** As origens da nossa época. 2ª edição. Rio de Janeiro: Campus.

QUIJANO, Anibal (2005). **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro. pp.227-278. Disponível em World Wide Web:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. (1987). **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.